

Wu li

H. J. Koellreutter



Fundação
Koellreutter

Wu Li

H. J. Koellreutter

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
REITOR: Sérgio Augusto Araújo da Gama Cerqueira

FUNDAÇÃO KOELLREUTTER
PRESIDENTE Marcos Edson Cardoso Filho
CONSULTOR Carlos Kater
GERENTE EXECUTIVO Marcio Saldanha

PROJETO KOELLREUTTER 100 ANOS
Coordenação Geral: Marcos Edson Cardoso Filho
Revisão musicológica: Marcos Filho
Projeto Gráfico: Tom Valadares
Arquivo: Acervo Koellreutter

© 2018, Fundação Koellreutter

Esta obra foi comissionada pela Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo — Comissão de Música.

Primeira edição: Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

Fundação Koellreutter
Espaço Koellreutter – Centro Cultural da UFSJ
Praça Dr. Augusto das Chagas Viegas, 17 - Largo do Carmo
36307-904 - São João del-Rei - Minas Gerais

Acervo Koellreutter – Centro de Pesquisa em Música da UFSJ
Biblioteca Universitária – Campus Tancredo Neves
Avenida Visconde do Rio Preto, s/nº - Colônia do Bengo
36301-360 - São João del-Rei – Minas Gerais
www.koellreutter.ufsj.edu.br
koellreutter@ufsj.edu.br

Apoio



RUMOS
Itaú Cultural

Realização



Universidade Federal
de São João del-Rei

MINISTÉRIO DA
CULTURA



Apresentação

*“Minhas ideias são baseadas em conceitos que nunca são exatos,
porque a alma não é coisa exata”*
(H. J. Koellreutter)

A presente publicação integra o Projeto Koellreutter 100 Anos: Música, ensino e memória que possui três eixos de atuação: 1) a catalogação, a higienização, a digitalização e a disponibilização online do Acervo Koellreutter; 2) a criação de um espaço físico para acondicionar o acervo e a biblioteca de H. J. Koellreutter funcionando como um laboratório para reflexão e produção de conhecimento musical; e 3) a publicação de obras musicais, obras pedagógicas, assim como depoimentos de seus ex-alunos. Este projeto não seria possível sem o apoio fundamental do Itaú Cultural – Rumos, instituição sensível à importante missão de salvar o legado produzido por este ícone da história da música no Brasil.

Koellreutter semeou profundas transformações na produção, no pensamento e na formação de gerações de músicos e educadores. Provocador, ensaísta, professor, compositor em constante movimento, o mestre, como era chamado pelos seus discípulos, foi um incentivador da liberdade de expressão e da construção de indivíduos singulares através de uma proposta pedagógica com forte olhar sobre o humano. A publicação desta obra, aliada à disponibilização do Acervo Koellreutter online, representa a continuidade da memória e da irradiação das ideias do grande mestre para a contemporaneidade.

Prof. Dr. Marcos Edson Cardoso Filho

*Presidente da Fundação Koellreutter e idealizador do Projeto Koellreutter 100 Anos
Departamento de Música da Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ, MG, Brasil*

Introdução

A obra Wu li, de Hans-Joachim Koellreutter é uma peça eminentemente experimental, composta em 1990. Precedida por um ensaio escrito por Koellreutter sobre a estética e a estruturação da peça, Wu li tem uma partitura simples, mas totalmente anti-convencional: um diagrama que se utiliza de três signos básicos para orientar os intérpretes na execução da obra. Colocada lado a lado com Improviso e Estudo — duas peças para flauta solo de escrita tradicional, dá uma ideia inicial do alcance, do vigor da obra e do pensamento do mestre de tantas gerações de músicos brasileiros.

A primeira edição de Wu Li foi produzida pela RioArte em comemoração aos 80 anos de Koellreutter em 1995. Agora, celebrando o centenário, a obra ganha nova diagramação preservando os textos originais e tornando acessível à músicos, estudantes e pesquisadores, uma pequena parcela do pensamento e da obra de um músico cujo nome é imprescindível à história da música brasileira.

Tim Rescala

Wu Li

Um ensaio de Música Experimental

Hans-Joaquim Koellreutter

Wu Li é música experimental. Porque nela, o experimentar é o centro da atuação artística. Não é uma obra musical. É um ensaio.

É um termo médio entre música concertante e música improvisada. (Acredito que o concerto como forma social da música, no futuro, será substituído pela apresentação em público de improvisos individuais e/ou grupais, espontâneas, isto é, de livre vontade, ou estruturadas, isto é, que têm disposição metódica). **Wu Li** é música onijetiva que desconhece a divisão rigorosa entre as realidades subjetiva e objetiva. O dualismo compositor/intérprete-ouvinte deixa de existir, pois intérprete e ouvinte tornam-se co-compositores, complementando e completando o processo de composição.

As palavras chinesas **Wu Li**, se pronunciadas como escritas em português, significam:

- modelos de energia orgânica
- meu caminho
- insensatez
- aferro minhas ideias
- iluminação

Wu Li é uma composição planimétrica, ou seja, uma maneira específica de ordenar música estruturalista, em que unidades estruturais ou gestaltes substituem melodia, harmonia, tempos fortes e fracos, temas e desenvolvimento. É a realização de um plano temporal (fundo), tomado isoladamente ou em relação a outros, pelo levantamento de ocorrências sonoras e musicais. Sua estética é uma estética relativista do impreciso e paradoxal.

A Ausência do Som

O “Plano” existe sempre onde há sons. É o portador das ocorrências sonoras, por assim dizer. É o silêncio que faz emergir o som. As ocorrências musicais, suas variações e transformações, o vaivém dos sons, são manifestações do plano.

Os sons — qualquer coisa que soa — passam a existir espontaneamente a partir do silêncio, no qual, finalmente, chegam a desaparecer.

O silêncio existe sempre e por toda a parte. E os sons são manifestações transitórias do silêncio subjacente, criadas pela mente humana. Não é a simples ausência de som. É repleto de potencialidades sonoras, à disposição do espírito humano e da criatividade intelectual do homem. É também monotonia, índice alto de redundância, reverberação, despretensão, esboço, delineamento, transparência, simplicidade, austeridade e meditação.

A Nova Estética da Música

A segunda metade do nosso século transformou radicalmente a estética da música. Uma nova imagem do mundo (Weltanschauung) esfacelou os principais conceitos da estética musical tradicional, estética racionalista, positivista e até mecanicista: a noção dualista do tempo e espaço, a noção do tempo racionalmente medido (metrônomo) dos “objetos sonoros” definidos (Pierre Schaeffer) e do caráter causal da estrutura e das ocorrências musicais, assim como a ideia de uma análise objetiva da obra musical (objetividade = um mínimo de subjetividade...).

A estética relativista do impreciso e paradoxal parte do ponto de vista que há um universo sonoro subjacente a todos os fenômenos sonoros, que está além de todos os sons e além de todas as ocorrências sonoras, mas não pode ser ouvido nem percebido pela percepção humana, limitada a um determinado âmbito de frequências (16 a 16000 Hz por segundo, aproximadamente), aparentando ausência de som, ou seja, silêncio. Assim, o silêncio, em verdade consiste de um universo de sons inaudíveis, porém, não deixando de ser, em última análise, a essência de todas as formas musicais.

Para a estética relativista do impreciso e paradoxal, o som é apenas uma parte bem pequena do universo sonoro, um nó de energia, o qual, não estando claramente delineado em relação ao todo, se propaga como uma onda de água através da superfície do mar.

A música tradicional, clássica e romântica, assim como a música popular, baseavam-se em “objetos sonoros” e em uma sintaxe de tendência racionalista, deslocando-se aparentemente no vazio, no silêncio. A nova estética, no entanto, traz à tona uma revisão radical dessa conceituação, levando não apenas a uma conceituação nova do que seja o som, mas também transformando profundamente o conceito tradicional de silêncio. A distinção entre sons de altura definida e indefinida, de ruído e mescla, perdem sua nitidez; e o silêncio passa a ser considerado como uma qualidade dinâmica de grandíssima importância.

Sons e silêncios foram, na música tradicional, dois conceitos fundamentais distintos sobre os quais se basearam os conceitos da estética clássica. Hoje, no entanto, devido às descobertas da ciência moderna e do surgimento da música eletrônica, os dois conceitos não podem ser mais separados. O som não pode ser separado do silêncio em que ocorre. Na nova estética, som é silêncio e silêncio é som. Ambos os fenômenos geram tensão — entende-se por tensão uma fase de interceptação “internal” de um estado psíquico precedente, em que se faz sentir a necessidade de distensão — e, portanto, expressão.

A Forma

Wu li constitui um verdadeiro evento coreográfico de sons e ocorrências musicais interatuantes através do tempo.

Na estética relativista do impreciso e paradoxal, as interações de sons e ocorrências musicais são representadas em diagramas temporais que permitem estruturar os lapsos de tempo em que ocorre a música, de maneira englobante, resultando numa composição em que sons e silêncio podem ser interpretados como positivos e negativos, como sucede na imagem fotográfica. Resulta numa espécie de “renda”, um tecido de sons e texturas que formam desenhos transluzindo o fundo, isto é, o silêncio estruturado.

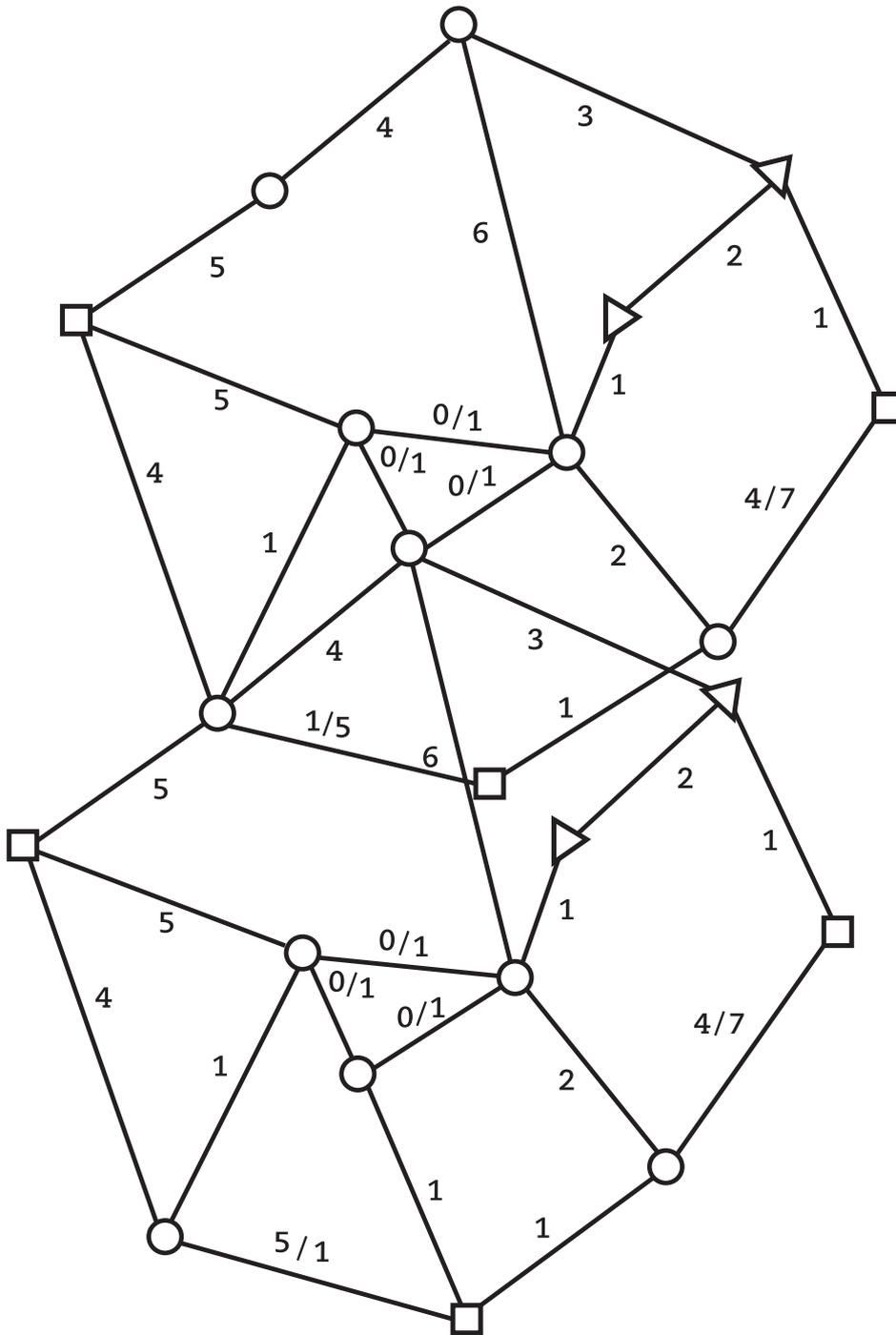
Trata-se de uma composição em cuja macroforma, cada uma de suas partes, em certo sentido, contém o todo à maneira de um holograma. Trata-se de padrões sonoros multidimensionais e multidirecionais, possíveis de serem redistribuídos (variados e/ou transformados), um fenômeno dinâmico de que procedem novos padrões (holomovimento). Trata-se de uma autêntica teia dinâmica a qual, no entanto, não dispensa a noção de ordem, empregando o diagrama para manejar variação e transformação, e a planimetria para determinar os princípios de ordem.

Wu li, assim, pode ser interpretado como um meio procurando conscientizar um sem-número de potencialidades criativas, ainda inéditas e imprevisíveis, através da estruturação do fundo-silêncio, ativo e dinâmico.

Wu Li (1989-1990)

Superposição de diagramas

H. J Koellreutter



UT = unidade de tempo a critério do intérprete

○ = som ou pausa de duração de 1 – 2 unidades de tempo

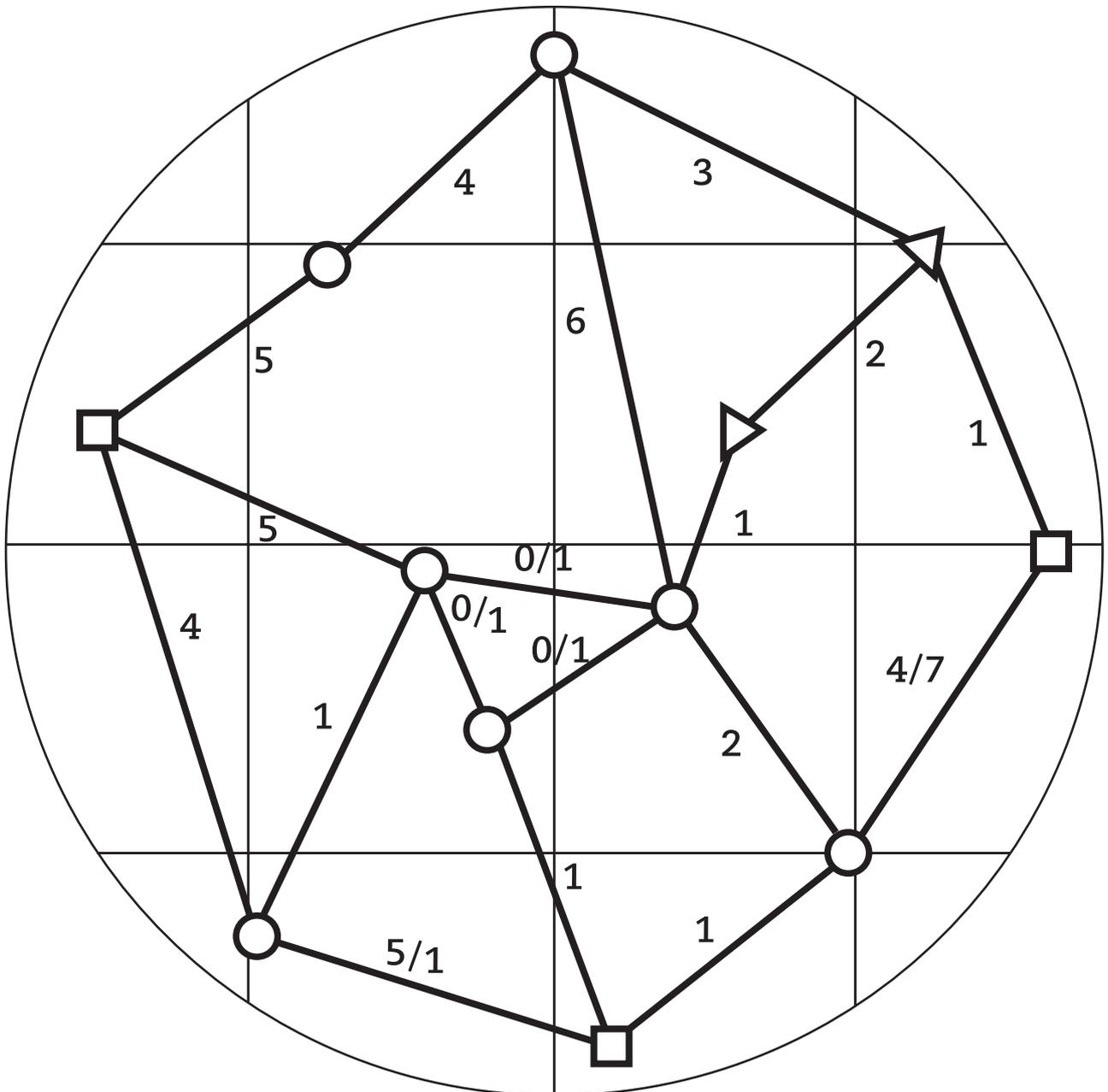
△ = som, pausa ou silêncio de 4 – 8 unidades de tempo

□ = som ou silêncio de 10 – 20 unidades de tempo

Wu Li (1989-1990)

Diagrama K

H. J. Koellreutter



Os algarismos ao lado das linhas de trajeto referem-se à duração das trajetórias de silêncio, pausa ou som em unidades de tempo.

As entradas dos instrumentistas ou vozes ocorrem à critério dos intérpretes; da mesma forma densidade ou rarefação da polifonia.

Os sons de altura definida ou indefinida obedecem à tessitura dos instrumentos ou vozes respectivos, subdividida em sons graves, médios ou agudos.

A estreia absoluta de Wu li ocorreu no auditório do IBAM, no Rio de Janeiro, no dia 25 de setembro de 1990. Sob a regência de H. J. Koellreutter, a execução contou com os seguintes músicos:

Harold Emert – oboé

Lena Verani – clarinete

Lulu Pereira - Trombone-baixo

Marcilio Lopes – bandolim

Oscar Bolão – percussão

Ronaldo Diamante – contrabaixo

Tim Rescala – eletrônica ao vivo.

A primeira publicação de *Wu Li* foi produzida em 1990 pela RioArte com a organização da partitura e a musicografia de Tim Rescala.



Fundação
Koellreutter